

Um Educador para não ser Esquecido

PAULO PIMENTA GOMES*

Percorreu o interior do antigo Estado do Rio de Janeiro, a “velha província”, por muitos anos, da forma, como gostava de ressaltar, “em lombo de burro”, para visitar escolas primárias, na sua digna função de Supervisor. Como Mestre Escola, foi professor de personalidades - interioranas e da capital - das mais notáveis.

Na sua humildade, foi amigo de tantos que cruzaram seu caminho, sempre com uma palavra carinhosa, esclarecedora, sábia, procurando ensinar sempre, transmitir seu conhecimento aos que dele se acercavam.

Conheci o Professor Paulo de Almeida Campos quando fui designado Secretário Geral do então recentemente criado Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, após a fusão dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro. Ao lado de muitas outras personalidades de destaque como Ary Vasconcellos, Marlos Nobre, Antonio Carlos Vilaça, Silvio Neves, Fausto Cunha, Dom Estevão Tavares Bittencourt, Edson Mota, Marcello Ipanema, Carlos Eduardo Prates, Marcella Mortara, Dirce Riedel, Pastor Nilson do Amaral Fanini, Roberto Ricardo

Duarte e o notável José Candido de Carvalho, Paulo Campos viu formada a equipe que deveria desbravar o “interland” fluminense (como gostava de identificar o interior do Estado), levando a bandeira da cultura como significado maior. Por já haver sido Presidente do Conselho Estadual de Cultura do antigo Estado do Rio de Janeiro, trazia para o Colegiado toda uma experiência que a todos empolgava. Conhecia cada cidade, as principais figuras da cultura local, tinha uma rede de informação das melhores e conversava com cada cidadão utilizando o vocabulário próprio da região.

Certa vez, ao visitar, no meu carro, o então distrito de Macuco, para verificar como estava a Biblioteca que levava o nome de seu pai - Telio Campos -, ao passar por Bom Jardim, o Conselheiro Paulo Campos, embora sendo domingo, resolveu falar com o Prefeito para perguntar sobre o funcionamento do Conselho Municipal de Cultura local - sempre que podia insistia na implantação deles em cada Municí-

* Admirador do Mestre Paulo de Almeida Campos.

pio do Estado, dado que acreditava na ação descentralizada na área cultural -, mas, não nos lembrávamos do tipo físico daquela autoridade e nem seu nome. Indaguei como encontrar o Alcáide e ele, na sua simplicidade mandou que déssemos uma volta pela Cidade que ele saberia como descobri-la. E não foi de outro modo: ao chegarmos na rua da Matriz, lá estava um homem franzino, muito cumprimentado, ao qual o Professor Paulo logo acenou dizendo: - Senhor Prefeito, podemos conversar ? Fomos até uma Farmácia e lá mesmo os dois ficaram trocando idéias sobre a implementação do Conselho Municipal que, pouco depois foi criado.

De outra feita, foi em Itaocara. Lá não havia sido instalado o Conselho Municipal de Cultura e o Professor Paulo Campos desejou conversar com o Prefeito para saber da possibilidade de criá-lo. Ao chegarmos ao Município - outra vez um domingo -, indagamos como chegar até a residência do Prefeito e, como era comum, nos perdíamos nos sinais de “quebra” para a direita, depois para a esquerda. De repente, à nossa frente na estrada de barro, vimos um cidadão que talvez nos tirasse daquela enrascada. Estava ele completamente coberto pela fuligem dos canaviais em corte, somente com os olhos de fora e com um facão enorme nas mãos. Perguntamos que caminho seguir para chegar até a residência do Prefeito. A resposta foi de nos deixar atônitos: “- Sou eu mesmo, o que os Senhores querem?”. Com a habilidade costumeira, o Conselheiro Paulo Campos saltou do carro e pôs-se a falar com o cidadão, declarando-se membro do Conselho de Cultura do Estado e com a tarefa de implantar em todos os Municípios seus Conselhos de Cultura. Outra intervenção surpreendente: “- Cultura não dá dinheiro, eu quero é melhorar a arrecadação de Itaocara.”

O Professor Paulo Campos não se abalou; continuou com seus argumentos e, então, o Senhor Prefeito solicitou que o seguíssemos e fôssemos até sua casa. Serviu-nos um café, insistiu na tese de mais dinheiro para o Município, expôs a condição do erário municipal, explicando que não poderia criar um organismo para gastar mais, desculpou-se, pondo fim a conversa.

Eu ficara calado, observando a ação do Professor Paulo Campos. Depois de tudo escutar, voltou a carga o Educador. Agora, para informar ao Prefeito que o Conselho não era necessariamente um organismo que representasse despesa, dado que os Conselheiros não precisavam ser remunerados, que precisavam somente assessorar às Prefeituras quanto a problemas de ordem cultural e que deveriam se reunir uma vez por mês para discutir assuntos encaminhados pelo Prefeito ou por cidadãos do Município, exclusivamente na área da Cultura. Como golpe fatal desfechou o Conselheiro Paulo Campos: “Imagine que serão mais, pelo menos, vinte e uma pessoas do seu Município que lhe serão gratas por terem sido reconhecidas por seus méritos culturais; se multiplicarmos por, no mínimo, seis pessoas por família, serão mais cento e vinte e seis votos, o que não é nada desprezível.” Aos nos despedirmos, o Prefeito, ainda fazendo suas contas, disse: “Vou estudar a situação. Encaminhem o material de outros Conselhos já existentes”.

Este era o objetivo do Conselheiro: contornar as situações mais difíceis, plantar para, quando fosse possível, criar o organismo. Digase, de passagem, que não foi criado o Conselho na gestão desse Prefeito.

Cidadão nascido em Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, em 04 de fevereiro de 1915, Bacharel em Direito pela UFF e Licenciado em

Pedagogia pela Faculdade Fluminense de Filosofia, foi nomeado professor substituto da 1ª escola de sua cidade natal em 8 de junho de 1934; logo depois, em 10 de abril de 1935, nomeado, em comissão, Auxiliar de Inspeção e, em 16 de abril de 1935, designado para dirigir interinamente o Grupo Escolar da Villa de São Sebastião do Alto e para reger efetivamente a Escola do Valão do Barro. Foi Assistente do Secretário de Educação do antigo Estado do Rio; Chefe de Gabinete do Secretário de Educação; Diretor do Departamento do Ensino Médio, Chefe das 12ª, 13ª e 20ª Regiões Escolares; Inspetor Regional de Ensino - algo como os *Her Majesty Inspectors*, da Inglaterra -; Diretor Efetivo do Grupo Escolar Aspirante Vasconcelos, em São Sebastião do Alto; Chefe do Departamento de Teoria e Prática de Administração Escolar da UFF; detentor da Medalha do Mérito Cultural José Geraldo Bezerra de Menezes, concedida pela Prefeitura de Niterói, em 1988; Professor Titular da UFF; realizou estágios de aperfeiçoamento na Universidade de Porto Rico - sob o patrocínio da Comissão Fulbright - e em Sèvres; participou do grupo que, na qualidade de representante do nosso país, foi designado pelo Presidente da República, para, sob a Presidência do Ministro da Educação Clóvis Salgado, participar da Conferência da UNESCO realizada em Lima, em 1956; integrante da Comissão Coordenadora do Sistema Educacional de Brasília, designado pelo Ministro da Educação Clóvis Salgado; membro dos Conselhos Universitário e de Ensino e Pesquisa da UFF; Diretor da Faculdade de Educação da mesma Universidade; Secretário da 9ª Região Escolar (1940); Chefe da Divisão do Ensino Primário, (1944); sócio da ABE desde 1959 e seu Membro Titular a partir de 1982 - foi o primeiro representante do povo

da Velha Província nesta Associação -; membro das Academias Fluminense, Niteroiense, Friburguense, Cordeireense, Cantagalense e Valenciana de Letras, Petropolitana e Fluminense de Educação; do Instituto Histórico de Niterói; membro fundador da Associação Nacional de Profissionais da Administração Escolar; Presidente do Conselho Municipal de Cultura do antigo Estado do Rio de Janeiro; examinador de numerosas comissões de ingresso ao Magistério do Estado em todos os níveis; interventor - fico imaginando o Educador Paulo Campos como interventor: deve ter sido um excelente Conselheiro, um apaziguador contumaz... -; professor de um sem número de turmas e alunos.

Convidado por mais de uma vez, estive em sua residência na Rua Balbina Fortes, no bairro Vital Brasil, em Niterói, onde a todos recepcionava sempre com o maior prazer. Também tive oportunidade de visitá-lo em Cabo Frio, no Sítio das Palmeiras, onde se refugiava com frequência. Ficou em nossa memória um churrasco que ali ofereceu, convidando todos os Conselheiros e funcionários (aliás, diga-se de passagem, ele dedicava o maior carinho a cada um deles) e ficamos horas a ouvir histórias e, naturalmente, degustando as delícias que eram preparadas por D. Letice, a professora de Educação Física que o Professor Paulo Campos escolheu para ser sua companheira e com ela ter três filhos: Virgínia, Berenice e Paulo Gustavo.

Não foi só o Estado do Rio de Janeiro que detectou os méritos do Professor Paulo Campos. A USP, em 1959, convocou-o para integrar a Banca Examinadora do Concurso de Livre Docência do Professor Carlos Corrêa Mascaro - que, também foi Presidente da ANPAE ; em 1967, para o concurso de Livre Docência do

Professor Moysés Brejon e, em 1973, para o da Professora Maria Aparecida Bortoletto e para o de doutoramento da Professora Anita Fávaro Martelli; a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, em 1966, solicitou sua presença na Comissão Examinadora de doutoramento da Professora Josephina Chaia; a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente incluiu seu nome na Comissão Examinadora de doutoramento da Professora Myrthes da Fonseca Pinto; em 1971, foi membro da Comissão Julgadora do concurso para professor adjunto da Universidade Federal da Bahia; em 1976, a UNICAMP o convida para a ban-

ca examinadora da tese de doutoramento da Professora Maria Lucia Duarte Carvalho; em 1986, é a Universidade Federal do Paraná que inclui seu nome como examinador no concurso para Professor Titular de Educação Comparada e quantas mais houve.

Neste momento, em que se homenageia a passagem do centenário de nascimento de Anísio Teixeira, vale lembrar que o Professor Paulo Campos foi um dos companheiros do mesmo em várias tarefas, como também o foi do Professor Darcy Ribeiro. Imagino que, onde estiverem, estarão criando novos sistemas e processos revolucionários e, espero, agora, bem interpretados pelos “governantes” locais. ◆